

Doi: 10.17058/rzm.v13i2.19681

# FORMAS DE PODER QUE SUBJUGAM A VIDA AO PODER DA MORTE: DISCURSOS OFICIAIS DO TRIGÉSIMO OITAVO PRESIDENTE BRASILEIRO SOBRE A PANDEMIA

FORMAS DE PODER QUE SOMETEN LA VIDA AL PODER DE LA  
MUERTE: DISCURSOS OFICIALES DEL TRIGÉSIMO OCTAVO  
PRESIDENTE BRASILEÑO SOBRE LA PANDEMIA

FORMS OF POWER THAT SUBJECT LIFE TO THE POWER OF  
DEATH: OFFICIAL DISCOURSES OF THE THIRTY-EIGHTH  
BRAZILIAN PRESIDENT ON THE PANDEMIC



**Rudá da Costa Perini<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo, fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso materialista, tem como objetivo analisar falas do trigésimo oitavo presidente brasileiro nos primeiros meses da pandemia de Covid-19. Para tanto, quatro pronunciamentos, veiculados nas mídias governamentais, serão analisados com fito de iluminar o funcionamento do discurso presidencial na/sobre a pandemia. A análise, por meio da constituição de redes parafrásticas que levam a formações discursivas, desnuda uma prática política institucional que tem como um de seus instrumentos a omissão do Estado em sua obrigação de garantir o direito à saúde, abandonando a população à doença e à morte.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Mato Grosso - Cáceres - Mato Grosso - Brasil.

**Palavras-chave:** Presidente brasileiro. Discurso presidencial. Pandemia de Covid-19. Redes parafrásticas.

**Resumen:** El presente artículo, fundamentado en los supuestos teórico-metodológicos del Análisis del Discurso materialista, tiene como objetivo analizar discursos del trigésimo octavo presidente brasileño durante los primeros meses de la pandemia de Covid-19. Para ello, se analizarán cuatro pronunciaciones, difundidas en los medios gubernamentales, con el fin de iluminar el funcionamiento del discurso presidencial en/sobre la pandemia. El análisis, a través de la constitución de redes parafrásticas que llevan a formaciones discursivas, desnuda una práctica política institucional que tiene como uno de sus instrumentos la omisión del Estado en su obligación de garantizar el derecho a la salud, abandonando a la población a la enfermedad y a la muerte.

**Palabras clave:** Presidente brasileño. Discurso presidencial. Pandemia de Covid-19. Redes parafrásticas

**Abstract:** The present article, grounded in the theoretical-methodological assumptions of Materialist Discourse Analysis, aims to analyze speeches of the thirty-eighth Brazilian president during the first months of the Covid-19 pandemic. To this end, four statements, broadcast through governmental media, will be analyzed in order to shed light on the functioning of presidential discourse regarding the pandemic. The analysis, through the construction of paraphrastic networks that lead to discursive formations, reveals an institutional political practice that uses the omission of the State in its obligation to guarantee the right to health as one of its instruments, abandoning the population to illness and death.

**Key-words:** Brazilian president. Presidential discourse. Covid-19 pandemic. Paraphrastic networks

## Introdução

Este artigo, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso materialista, postulada pelo filósofo Michel Pêcheux, na França, e reterritorializada por Eni Orlandi no Brasil, propõe uma análise de falas públicas produzidas pelo trigésimo oitavo presidente brasileiro<sup>2</sup>. A análise, portanto, toma como ponto de partida um acontecimento histórico (LE GOFF, 1996), mas também discursivo (PÊCHEUX, [1983] 2015) que, a partir do fim de 2019, começa a se inscrever na memória, a pandemia de Covid-19. Os procedimentos metodológicos mais relevantes para esta análise são: a produção de recortes (Orlandi, 1987) no material analisado; a apreensão de efeitos de sentidos produzidos pelas falas presidenciais no batimento com suas condições de produção; e a constituição de redes parafrásticas que possibilitam a formulação de formações discursivas.

Nessa visada, analiso quatro pronunciamentos veiculados na mídia governamental *TvBrasilGov*, canal sediado na plataforma YouTube, com fito de iluminar o funcionamento do discurso presidencial oficial na/sobre a pandemia em 2020, ano em que essa calamidade sanitária acomete o Brasil e tantos outros países do mundo. Portanto, parece-me incontornável lançar luz sobre as condições de produção do discurso em análise, recuperando, ao menos de maneira mais geral, pontos que remontam aos primeiros desdobramentos da pandemia e ao modo como foi conduzida pelo trigésimo oitavo governo brasileiro.

Com efeito, é preciso considerar que em um país profundamente desigual como o Brasil, com problemas estruturais em todas as áreas, o impacto de uma crise sanitária sem precedentes neste século afeta de maneira também desigual a população. População composta, em sua maioria, de pessoas negras empobrecidas graças a um processo histórico violento produzido pela colonização portuguesa e pela escravidão que, muito tardiamente abolida, nunca deixou de ser elemento constituinte da ideologia burguesa de nosso país.

Conforme Marcel, Perini e Medeiros (2021, p. 219), um dos primeiros óbitos registrados no país mostra-se sintomático. Os autores referem-se ao emblemático caso – primeiro falecimento em decorrência de Covid-19 notificado no estado do Rio de Janeiro – de

---

<sup>2</sup> Convém esclarecer ao leitor que a escolha pela forma “trigésimo oitavo presidente brasileiro” ou “trigésimo oitavo governo brasileiro” em vez de outras mais recorrentes na esfera midiática – como as que privilegiam o sobrenome Bolsonaro (presidente Bolsonaro, governo Bolsonaro, bolsonarismo etc.) –, tem a ver com um gesto de resistência do sujeito-pesquisador a nomear em sua pesquisa o referido governo de maneiras que centralizem o indivíduo que ocupa o cargo de presidente da república, conferindo ao nome (ou sobrenome) maior importância em um processo histórico heterogêneo. O indivíduo, em sentido empírico, importa menos do que suas práticas discursivas.

uma doméstica<sup>3</sup>, negra, de 63 anos, que contraiu a doença de sua empregadora no apartamento situado no Leblon onde trabalhou por cerca de 10 anos. A empregadora passou o carnaval na Itália, onde contraiu o vírus, e estava isolada, mas não informou à doméstica, que foi trabalhar desavisada, sobre o risco de contágio<sup>4</sup>. O desdobramento da pandemia, logo em seus primeiros meses, escancarou o abismo racial e de classe que estrutura a sociedade brasileira.

Com efeito, a condução negligente da pandemia pelo trigésimo oitavo governo produz consequências materiais e simbólicas sobre a população, mas essas consequências foram ainda mais devastadoras sobre a classe trabalhadora precarizada, majoritariamente composta pela população negra. Isso nos dá um ponto de apoio para compreender o funcionamento do discurso presidencial diante dessas condições de produção.

Uma das primeiras declarações públicas sobre a pandemia produzidas pelo trigésimo oitavo presidente à imprensa, em 26 de janeiro de 2020, foi: “Estamos preocupados, obviamente, mas não é uma situação alarmante” (BARRETO JR., 2021, p. 48). Nesse período, a OMS (Organização Mundial de Saúde) já havia recebido do governo chinês um alerta sobre vários casos de síndrome respiratória aguda em Wuhan. Dias depois, o país confirmou que os casos estavam associados a um novo tipo de coronavírus. Como o vírus espalhava-se rapidamente, a OMS, em 30 de janeiro de 2020, declara emergência de saúde pública internacional.

Em 26 de fevereiro, um mês após a primeira declaração pública do trigésimo oitavo presidente, o Ministério da Saúde confirma o primeiro caso de Covid-19 na cidade de São Paulo. O paciente era um homem de 61 anos que havia viajado à Itália, país que era assolado por uma primeira onda da doença. Somente em 06 de março, o trigésimo oitavo presidente divulga o primeiro pronunciamento oficial em que fala sobre a crise sanitária. Contudo, no dia seguinte, viaja aos EUA para jantar com o então presidente Donald Trump. No retorno da viagem, constatou-se que ao menos 23 membros da comitiva brasileira foram infectados.

Em duas declarações, nos dias 09 e 10 de março, o trigésimo oitavo presidente segue colocando em dúvida a gravidade da crise, materializando uma posição-discursiva negacionista que significa a pandemia como “superdimensionada” ou “fantasia” propagada pela “grande mídia”:

---

3

Cf.: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em: 13 jan. 2023.

4

Cf.: <https://apublica.org/2020/03/primeira-morte-do-rio-por-coronavirus-domestica-nao-foi-informada-de-risco-de-contagio-pela-patroa/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está sendo superdimensionado pelo poder destruidor desse vírus (Presidente Jair Bolsonaro. Fonte: Uol);

Muito do que tem ali é muito mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga (Presidente Jair Bolsonaro. Fonte: Folha.) (BARRETO JR., 2021, p. 50, 51).

Face ao crescimento exponencial de casos da doença no intervalo de apenas duas semanas, a OMS declara estado de pandemia em 11 de março. Nesse momento, já havia registro de casos em 81 países e o número de mortes no mundo chegava a 4.291. No dia 12, o trigésimo oitavo presidente brasileiro faz outro pronunciamento oficial. Passo, então, à análise dos quatro primeiros pronunciamentos presidenciais veiculados no canal *TvBrasilGov* (hoje, CanalGov), na plataforma YouTube.

## **O discurso presidencial na/sobre a pandemia: negacionismo, charlatanismo e morte como política**

Para esta análise recorro a um conjunto de recortes produzidos nos pronunciamentos. Esse procedimento metodológico, conforme Orlandi (1987, p. 139), consiste em delimitar “uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação”. Assim, procedo recortes nos quatro pronunciamentos oficiais divulgados em março, primeiro mês de pandemia no Brasil, fazendo um batimento, quando pertinente, com outros enunciados produzidos nos meses seguintes no intuito de demonstrar certas regularidades, como se verá.

Um pronunciamento coloca em cena a fala pública de um modo planejado em que não cabem o improviso, a digressão, o comentário espontâneo. As palavras, o tom de voz, os gestos e a postura são cuidadosamente escolhidos, ensaiados e encenados. Esse modo de dizer, aliado a características cenográficas, sustentam o efeito de oficialidade.

No primeiro pronunciamento, de 06 de março, o discurso presidencial oficial começa a dar sentido ao acontecimento, assim instaurando e institucionalizando um processo de significação da iminente pandemia que aponta para a minimização de sua gravidade. Vamos à análise do primeiro recorte:

### **Recorte 1**

*O mundo enfrenta um grande desafio. Nos últimos meses, surgiu um vírus novo, contra o qual não temos imunidade. Os casos se iniciaram na China, mas o vírus já está presente em todos os continentes. [...] Ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico. Seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção.*

Fonte: Pronunciamento oficial do presidente Jair Bolsonaro sobre Covid-19 (transmitido em 06 mar. 2020).  
 Marca de 13 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yRoFlsYE-EI>. Acesso em: 17 jan. 2023.

Ao denominar uma crise sanitária internacional como “um grande desafio”, o sujeito direciona os sentidos por meio de uma generalização, isto é, a palavra “desafio” dispersa a significação do acontecimento tendo em vista sua polissemia. Assim, ao mesmo tempo, produz-se um apagamento, ou seja, diz-se “desafio” para silenciar “crise”, “epidemia”, “doença”.

Em seguida, no enunciado “ainda que o problema possa se agravar, não há motivo para pânico”, introduz-se uma oração concessiva em que se admite a possibilidade de agravamento do “problema”, mas não na dimensão de sua gravidade, eufemizando as possíveis consequências por vir. É preciso destacar que, do lugar discursivo que se fala, há uma interdição a dizer “há motivo para pânico”. O funcionamento que se coloca, então, é o da negação. Vale recuperar o que teoriza Indursky (2013) a respeito do funcionamento da negação externa, aquela que, segundo a autora, “incide sobre um discurso que provém de uma formação discursiva adversa” (INDURSKY, 2013, p. 310) e pode materializar-se na língua em marcadores de negação “tais como: advérbio de negação *não*; prefixos de negação *in, des*; itens lexicais do tipo *recusar, impedir*; pronomes indefinidos como *jamais, ninguém*” (INDURSKY, 2013, p. 311). Portanto, a negação, aliada à escolha da palavra “pânico”, joga com o discurso do outro: é o outro que diz “pânico”, o outro causa “pânico” sem motivo. Como veremos adiante, o discurso outro negado aqui é, segundo esta posição-sujeito, o discurso jornalístico.

O pronunciamento se encerra com a orientação: “seguir rigorosamente as recomendações dos especialistas é a melhor medida de prevenção.” O discurso presidencial recomenda seguir os especialistas, o que, de maneira consensual entre os epidemiologistas, incluía evitar o contato com outras pessoas e fazer uso de máscaras, a fim de restringir as taxas de transmissão e circulação do vírus. No entanto, como exposto acima, um dia após o pronunciamento, o trigésimo oitavo presidente vai aos EUA para se encontrar com o então presidente Donald Trump, viagem em que retornam ao Brasil ao menos 23 membros da

comitiva infectados. E esse é apenas um dos primeiros de inúmeros episódios em que o trigésimo oitavo presidente descumpriu intencionalmente as recomendações dos especialistas.

Vejamos o próximo recorte:

## Recorte 2

*Diante do avanço do coronavírus em muitos países, a Organização Mundial de Saúde, de forma responsável, classificou a situação atual como pandemia.*

*O Sistema de Saúde Brasileiro, como os demais países, tem um limite de pacientes que podem ser atendidos. O governo está atento para manter a evolução do quadro sob controle. É provável, inclusive, que o número de infectados aumente nos próximos dias, sem, no entanto, ser motivo de qualquer pânico.*

*Há uma preocupação maior, por motivos óbvios, com os idosos. Há também, recomendação das autoridades sanitárias para que evitemos grandes concentrações populares. Queremos um povo atuante e zeloso com a coisa pública, mas jamais podemos colocar em risco a saúde da nossa gente.*

*Os movimentos espontâneos e legítimos, marcados para o dia 15 de março, atendem aos interesses da nação. Balizados pela lei e pela ordem, demonstram o amadurecimento da nossa democracia presidencialista e são expressões evidentes de nossa liberdade. Precisam, no entanto, diante dos fatos recentes, ser repensados. [...]*

Fonte: Pronunciamento oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro (transmitido em 12 mar. 2020). Marca de 18 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bS2qiXHtMnI>. Acesso em: 17 jan. 2023.

Neste recorte, empreendido no pronunciamento de 12 de março, um dia após a OMS classificar o quadro de saúde internacional como pandemia, o discurso presidencial segue sustentando o processo de significação eufemizante: “É provável, inclusive, que o número de infectados aumente nos próximos dias, sem, no entanto, ser motivo de qualquer pânico.” A sintaxe do enunciado se assemelha ao se observou no recorte 1, isto é, trata-se de uma estrutura concessiva que desvela uma oposição entre “número de infectados” e “motivo de qualquer pânico”. Esse segmento pode ser parafraseado por: “Ainda que o número de infectados aumente, não há motivo para pânico”, estrutura muito similar ao que foi dito no pronunciamento de 06 de março.

Assim, mesmo após a OMS declarar pandemia, o discurso presidencial sustenta a mitigação imaginária de suas devastadoras consequências. Adiante, o trigésimo oitavo presidente fala sobre os “movimentos espontâneos e legítimos” que estavam previstos para o próximo dia 15 de março daquele ano, afirmando que “atendem aos interesses da nação”. Os movimentos aos quais o sujeito se refere eram atos organizados por apoiadores do governo. Então, nessa discursividade, “interesses da nação” pode ser parafraseado por “interesses dos

apoiadores do governo”, ficando interdito o sentido “interesses dos opositores do governo”. No fio do discurso, por conseguinte, os opositores não podem ser significados como pertencentes à nação, tampouco devem ser considerados os suas reivindicações e interesses como “interesses da nação”.

Qualquer manifestação que envolvesse aglomeração de pessoas naquele momento contrariava diametralmente as recomendações das autoridades de saúde. O trigésimo oitavo presidente, entretanto, produz um discurso que legitima os movimentos ao denominá-los como espontâneos e legítimos, tratando-os como movimentos que “atendem aos interesses da nação” e “demonstram o amadurecimento da nossa democracia presidencialista”, “expressões evidentes de nossa liberdade”. Após louvar os movimentos, afirma que “precisam, no entanto, diante dos fatos recentes, ser repensados”. Nota-se que a advertência se inscreve em uma estrutura adversativa, mas que parece enfraquecida pela escolha do item lexical “repensados”. Recorrendo à paráfrase, temos o seguinte:

*Os movimentos precisam, no entanto, diante dos fatos recentes, ser (revistos, reconsiderados)*

X

*Os movimentos precisam, no entanto, diante dos fatos recentes, ser (evitados, proibidos)*

A paráfrase desnuda que sentidos de reavaliação são permitidos, como em “repensados”, “revistos”, “reconsiderados”, contudo, sentidos de interdição, como “evitados”, “proibidos”, não podem ou devem ser ditos. A condescendência com os movimentos, a despeito do descumprimento das orientações sanitárias, chancela uma prática que torna regra o desrespeito às normas que objetivam proteger a saúde coletiva e evitariam o crescimento acelerado da contaminação. O discurso começa a sinalizar algo que se torna a práxis presidencial cotidiana. É o que vimos ocorrer no referido dia 15 de março de 2020, quando o trigésimo oitavo presidente, acompanhado do então diretor da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Antônio Barra Torres, participa de um dos atos, em Brasília, na frente do Palácio do Planalto, onde, na companhia de Barra, se aproximou dos manifestantes, fez *selfies* com os apoiadores e os cumprimentou com apertos de mão<sup>5</sup>.

No próximo recorte, realizado no pronunciamento de 24 de março, retorna o efeito de sentido que eufemiza a pandemia:

---

<sup>5</sup>

Cf.: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/03/15/presidente-da-anvisa-acompanhou-bolsonaro-no-encontro-com-manifestantes.htm> Acesso em: 17 jan. 2023.



### Recorte 3

*Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas.*

*Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.*

*Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso País.*

Fonte: Pronunciamento oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro (transmitido em 24 mar. 2020). Marca de 19 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>. Acesso em: 17 jan. 2023.

O sujeito coloca como prioridade o combate ao “pânico” e à “histeria” criados por “grande parte dos meios de comunicação” que “espalharam exatamente a sensação de pavor”. Para essa posição-sujeito, as notícias, os alertas da comunidade acadêmica e de divulgadores científicos eram injustificados, fundamentados apenas na evolução do número de casos na Itália, país que continha “grande número de idosos e com clima totalmente diferente”. Isto é, no não dito, sustenta-se, em desacordo com o saber científico, que o vírus não é perigoso e só fez grande número de vítimas na Itália devido à população idosa, que é mais vulnerável, e ao clima frio.

A falácia da baixa periculosidade do vírus vai sendo repetida, alimentada com base na invalidação do discurso outro, neste caso, do discurso jornalístico veiculado por grande parte da mídia brasileira (“grande parte dos meios de comunicação”). Mostra-se, portanto, uma regularidade no discurso presidencial, como se pode notar nos seguintes enunciados que comparecem no mesmo pronunciamento:

### Recorte 4

*O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine.*

[...]

*No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.*

[...]

*Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação.*

Fonte: Pronunciamento oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro (transmitido em 24 mar. 2020). Marca de 2 min 28 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>. Acesso em: 17 jan. 2023.

A materialização da mitigação imaginária dos efeitos da contaminação pelo coronavírus se dá, ainda, pela via da reprodução de dados ou estimativas falsas sobre o vírus, sem lastro em estudos científicos, como “90% de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine”. No segundo enunciado destacado no recorte 4, funciona a projeção de uma autoimagem de virilidade que se inscreve pelo “histórico de atleta”, pela suposta coragem ao mostrar-se despreocupado, destemido face à doença, “não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”. O discurso presidencial projeta a autoimagem de homem viril<sup>6</sup>, corajoso, para tamponar sua atuação precária como administrador público e as violações aos protocolos de saúde. Além disso, ao dizer “gripezinha ou resfriadinho”, ironiza fala do Dr. Drauzio Varella<sup>7</sup> em vídeo publicado no início de janeiro de 2020, quando se tinha poucas informações sobre o vírus. Ao trabalhar com o dizer do outro de modo alheio a suas condições de produção, o

<sup>6</sup> Convém acrescentar que o trigésimo oitavo presidente, noutros espaços menos regulados pelo aparato institucional, reforça essa autoimagem ao dizer, por exemplo: “O vírus está aí. **Vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, porra.** Não como um moleque. Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia” (BERTONI; BOLDRIN, 2021. Grifo meu).

<sup>7</sup> O vídeo de Dr. Drauzio Varella, ao ser reproduzido nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens por aliados do governo, como Ricardo Salles e Flávio Bolsonaro, omitia sua data de publicação e passava a funcionar como se fosse um discurso atualizado sobre o vírus. Cf.: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/video-antigo-de-drauzio-sobre-coronavirus-circula-nas-redes-como-se-fosse-atual.shtml>. Acesso em: 21 jan. 2023.

sujeito o utiliza para sustentar seu discurso no qual o vírus seria inofensivo para a maior parte da população.

Nesse pronunciamento, começa a se inscrever outro processo discursivo que interessa à esta análise: o processo de significação da relação saúde/economia. Atentemos ao seguinte enunciado que comparece no recorte 3:

*“[...] traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa.”*

A relação saúde/economia, materializa-se nas palavras “vida” e “desemprego”. O discurso presidencial pressupõe uma forma, uma estratégia que equilibre os dois setores sociais. No entanto, a estratégia aí referida foi, inclusive por meio de propaganda institucional oficialmente lançada no mesmo período (e meses depois suspensa por determinação do STF), o discurso anti-isolamento, metonimizado no slogan “O Brasil não pode parar”. Isto é, a estratégia para “salvar vidas e evitar desemprego em massa” era minimizar a gravidade da pandemia e incitar as pessoas a não fazerem isolamento social, a irem trabalhar, lançando a maioria delas à contaminação e uma parcela à morte. Retomo esse funcionamento mais à frente.

No próximo recorte, o trigésimo oitavo presidente menciona, pela primeira vez, oficialmente, o antimalárico cloroquina. O pronunciamento em tela foi divulgado poucos dias depois de Donald Trump falar publicamente sobre o medicamento<sup>8</sup>.

### **Recorte 5**

*Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio fabricado no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lupus e à artrite.*

Fonte: Pronunciamento oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro (transmitido em 24 mar. 2020). Marca de 3 min 27 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>. Acesso em: 17 jan. 2023.

Ao mencionar a droga, o sujeito diz “O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do Covid-19”.

<sup>8</sup> Em 21 de março, dois dias depois de Donald Trump falar publicamente pela primeira vez a respeito da cloroquina, o trigésimo oitavo presidente afirma que os laboratórios das Forças Armadas vão ampliar a produção do antimalárico, sem eficácia comprovada no tratamento da Covid-19. O ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, divulga, então, protocolo para uso do medicamento em pacientes em estado grave.

Ou seja, não havia, naquele momento, e nunca houve, eficácia comprovada. Então, ao sugerir um medicamento ineficaz para tratar a doença, fundamentado apenas em “notícias positivas” e não em pesquisas científicas, o discurso presidencial aninha e institucionaliza o charlatanismo, o que se torna uma prática política recorrente no trigésimo oitavo governo.

Outro funcionamento a iluminar, é a transferência de responsabilidade para o outro. Vejamos o sexto recorte:

### Recorte 6

*Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.*

Fonte: Pronunciamento oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro (transmitido em 24 mar. 2020). Marca de 2 min 13 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>. Acesso em: 17 jan. 2023.

O discurso presidencial denomina de “conceito de terra arrasada” as medidas sanitárias cabíveis e recomendadas, como o isolamento social, pelos órgãos de saúde no primeiro mês de pandemia, deslegitimando-as ao significá-las como exageradas, o que vai ao encontro do funcionamento analisado acima em que se eufemiza a pandemia, minimizando sua gravidade e suas possíveis consequências. Esse movimento joga a responsabilidade para os entes das esferas municipais e estaduais e coloca em cena uma tensão de poder, tendo em vista o ditame da lei 13.979/20<sup>9</sup>, que foi alterada em 20 de março por uma medida provisória que concentrava no Governo Federal o poder de decidir verticalmente sobre as medidas sanitárias adotadas, retirando dos Estados e Municípios a autonomia para definir quais providências tomar. Algumas semanas depois, por determinação do STF<sup>10</sup>, que por unanimidade decidiu pela inconstitucionalidade da medida provisória, os Estados e Municípios voltam a ter autoridade para decidir, baseado no avanço do contágio na localidade, as ações que seriam tomadas para conter a contaminação, visando evitar superlotação dos leitos hospitalares.

Materializa-se, por meio de uma estrutura injuntiva nucleada na forma verbal “devem”, um efeito de ordem, comando: “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar [...]”. Noutras palavras, manifesta-se o funcionamento do discurso

<sup>9</sup> Cf.: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm). Acesso em 21 jan. 2023.

<sup>10</sup>

Cf.: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/15/maioria-do-supremo-vota-a-favor-de-que-estados-e-municipios-editem-normas-sobre-isolamento.ghtml>. Acesso em 21 jan. 2023.

autoritário, aquele em que a reversibilidade entre o sujeito que enuncia (presidente da república) e o sujeito a quem fala ou de quem fala (autoridades estaduais e municipais) tende a zero (ORLANDI, 1987, p. 154). O discurso autoritário tende à paráfrase, interditando a polissemia, isto é, no enunciado em tela, apenas a injunção, a ordem, o comando devem ser ditos, ao passo que a sugestão, a orientação, a instrução ficam interditados:

*Algumas poucas autoridades estaduais e municipais **devem** abandonar [...]*

X

*Algumas poucas autoridades estaduais e municipais **podem** abandonar [...]*

No pronunciamento de 31 de março, é possível observar a continuidade de alguns processos até aqui identificados. Destacam-se dois: a relação saúde/economia (recorte 7) e a institucionalização do charlatanismo (recorte 8).

### Recorte 7

*Temos uma missão: salvar vidas, sem deixar para trás os empregos. Por um lado, temos que ter cautela e precaução com todos, principalmente junto aos mais idosos e portadores de doenças preexistentes. Por outro, temos que combater o desemprego, que cresce rapidamente, em especial entre os mais pobres. Vamos cumprir essa missão ao mesmo tempo em que cuidamos da saúde das pessoas.*

[...]

*Ao mesmo tempo, devemos evitar a destruição de empregos, que já vem trazendo muito sofrimento para os trabalhadores brasileiros. Na última reunião do G-20, nós, os Chefes de Estado e de Governo, nos comprometemos a proteger vidas e a preservar empregos. Assim o farei.*

Fonte: Pronunciamento oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro (transmitido em 31 mar. 2020). Marca de 3min 50 seg. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=fy\\_HP3\\_gOoI](https://www.youtube.com/watch?v=fy_HP3_gOoI). Acesso em: 17 jan. 2023.

Enunciados como “salvar vidas, sem deixar para trás os empregos” e “nos comprometemos a proteger vidas e a preservar empregos” são repetidos no discurso presidencial de modo que vai se formando, então, uma rede parafrástica a qual constrói a evidência de uma suposta paridade entre saúde e economia. Ao equiparar saúde e economia, produzindo uma relação de interdependência, apaga-se o dever do Estado em garantir a todos o direito à saúde e à qualidade de vida. Esse movimento significativo deixa exposto os liames de uma ideologia neoliberal que, por meio do discurso, imputa ao indivíduo a garantia de suas

próprias condições materiais de existência. Observando conjuntamente os pronunciamentos em análise neste artigo com outros enunciados após os primeiros meses de pandemia, mostra-se, assim, uma rede parafrástica que denuncia um discurso neoliberal que mercantiliza a saúde da população. Logo, constitui-se aí uma formação discursiva que baliza o modo de dizer as políticas de saúde pública. No quadro 1, os enunciados identificados por (R3) ou (R7) foram destacados dos recortes aqui analisados; os demais enunciados, identificados por (OP) foram retirados de outros pronunciamentos que, por economia, não foram expostos neste artigo, mas constituem o corpus de pesquisa.

### Quadro 1 – Formação Discursiva Anti-saúde Pública I

(R3) <i>Traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa</i>
(R7) <i>Salvar vidas, sem deixar para trás os empregos.</i>
(R7) <i>Nos comprometemos a proteger vidas e a preservar empregos.</i>
(OP) <i>Quando se fala em saúde, fala-se em vida, a gente não pode deixar de falar em emprego</i> (Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, para anúncio do novo Ministro da Saúde, Palácio do Planalto, 16 abr. 2020)
(OP) <i>Sempre falamos em vida e emprego, nunca emprego e economia de forma isolada. Nunca.</i> (Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, para anúncio do novo Ministro da Saúde, Palácio do Planalto, 16 abr. 2020)
(OP) <i>Nós estamos juntos em defesa da vida do povo brasileiro, em defesa dos empregos.</i> (Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, para anúncio do novo Ministro da Saúde, Palácio do Planalto, 16 abr. 2020)
(OP) <i>Nossos esforços sempre tiveram como foco principal a preservação da vida e de empregos, pois saúde e economia caminham juntas, lado a lado.</i> (Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia nacional de rádio e televisão, 24 dez. 2020)

Fonte: autoria própria

Uma visada materialista do social parte da premissa de que o modo de produção de uma sociedade capitalista explora a classe trabalhadora para gerar acúmulo de riqueza para a classe dominante, e o Estado, por sua vez, exerce o papel de zelar pelos interesses dessa classe, buscando conciliá-los, quando possível, aos interesses da classe dominada. Por isso, para o sujeito identificado à ideologia dominante na formação social capitalista, a ideologia

neoliberal, saúde e economia são indissociáveis, já que a economia, economia burguesa vale ressaltar, depende totalmente dos trabalhadores venderem por uma pechincha sua saúde para manter este modo de produção funcionando. O processo de significação da relação saúde/economia no discurso presidencial mostra a filiação à uma formação ideológica neoliberal na qual “salvar vidas” significa “salvar mão de obra”; “proteger empregos” significa “proteger o lucro dos detentores dos meios de produção”. O binômio “saúde e economia” passa a funcionar como um pré-construído, um efeito de evidência que recobre o sintagma de modo que a relação se torna óbvia, como se fosse consensual, universal. A política que foi sintetizada no slogan “O Brasil não pode parar” se sustenta nessa ideologia, portanto, a saúde/vida do trabalhador vale menos do que sua força de trabalho.

No próximo recorte, observa-se como vai se inscrevendo a propaganda de uma droga ineficaz como uma espécie de panaceia contra a Covid-19, processo característico, como adiantei acima, da institucionalização do charlatanismo.

### Recorte 8

*O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz.*

[...]

*Os Laboratórios Químico-Farmacêuticos Militares entraram com força total e, em 12 dias, serão produzidos um milhão de comprimidos de Cloroquina, além de álcool gel.*

Fonte: Pronunciamento oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro (transmitido em 31 mar. 2020). Marca de 4min 19 seg. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=fy\\_HP3\\_gOoI](https://www.youtube.com/watch?v=fy_HP3_gOoI). Acesso em: 17 jan. 2023.

No primeiro segmento, vemos o sujeito reconhecer a inexistência da vacina ou remédio com eficiência cientificamente comprovada o que não o impede de, em uma sobreposição argumentativa contraditória ao que acabou de admitir, afirmar que a hidroxicloroquina parece bastante eficaz. Duas instâncias distintas se inscrevem: a do saber “ainda não existe vacina contra ele ou remédio com eficiência cientificamente comprovada” (eu sei isso); e a do crer “apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz” (eu creio naquilo). Essa tensão entre saber e crer sob a forma de uma contradição (eu sei isso, apesar de crer naquilo) remete ao que, em psicanálise, pode ser lido como fetichismo. Nas palavras de Baldini e Di Nizo:

*Eu sei, mas mesmo assim...* É dessa forma que o psicanalista francês Mannoni (1969) descreve o funcionamento típico do fetichismo. O fetichista sabe algo que invalida sua crença, o que não a impede de funcionar... É a esse mecanismo que usualmente, em Psicanálise, se dá o nome de desmentido ou recusa, isto é, uma certa relação entre saber e crença que opera de maneira contraditória, na medida em que o saber não invalida a crença. (BALDINI; DI NIZO, 2015, p. 132. Grifo dos autores).

O sujeito afirma sua crença, a despeito do saber que a invalida. Em seu discurso, opera, portanto, a recusa, mecanismo que materializa uma contradição entre as instâncias do saber e do crer. O que se sabe, geralmente algo factual, científico, lógico, aquilo que se inscreve em uma relação de significação estabilizada por um efeito de verdade, não anula o que se acredita, já que a crença pode se revestir ou não do mesmo efeito. Esse movimento contraditório é relacionado pelos autores, ainda, ao funcionamento do discurso cínico:

Encontramos aí o feitiço do fetiche: a clivagem que o fetiche permite, essa capacidade de “abandonar e conservar simultaneamente uma crença” (LEBRUN, 2008, p. 255), tem uma relação direta com o cinismo e a forma predominante do laço social contemporâneo, fórmula que pode ser resumida no “eu sei, mas mesmo assim...” e que pode ser estendida ao funcionamento cínico do discurso (BALDINI; DI NIZO, 2015, p. 150).

A esse respeito, vale destacar que a ideologia funciona encobrendo seus rastros, produzindo, no processo de interpelação do indivíduo em sujeito, seu apagamento. Por esse “teatro da consciência” o sujeito acessa “as evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido [...]” (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 146). De acordo com Žižek

uma ideologia não é necessariamente “falsa”: quanto ao seu conteúdo positivo, ela pode ser “verdadeira”, muito precisa, pois o que realmente importa não é o conteúdo afirmado como tal, mas o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação (ŽIŽEK, 1996, p. 306).



Sobre o funcionamento do cinismo, Ernest (2018, p. 9), a partir de Žižek (1996, p. 14), ressalta que o espaço ideológico se estabelece quando o conteúdo (“verdadeiro” ou “falso”) é funcional no que diz respeito a alguma relação de dominação social intrinsecamente não transparente, isto é, tem que se reconhecer que é muito fácil mentir sob o disfarce da verdade e seu modo mais acentuado atualmente é o cinismo. A autora (ERNEST, 2018, p. 8), pensando no funcionamento do discurso político na conjuntura atual, defende que a questão que perpassa o cinismo é que as tomadas de posição pelo sujeito não se constituem em efeitos de identificação assumidos e não negados, mas em tomadas de posição cujos efeitos de identificação são assumidos aparentemente e negados na prática. O sujeito cínico não acredita no que diz, considera a inutilidade das proposições ideológicas universais e conseqüentemente produz a falsificação da palavra.

O funcionamento do cinismo, em condições de produção em que a anomia parece imperar no campo político, é o que passa a calçar as políticas de saúde pública do trigésimo oitavo governo. Ao falar sobre a medida que autorizou o laboratório das Forças Armadas a produzir cloroquina em larga escala, no segundo enunciado do recorte 8, temos um exemplo: o sujeito reconhece saber que a cloroquina não tem comprovação, mas ordena a produção em larga escala do remédio mesmo assim. Isso permite identificar uma segunda rede parafrástica na qual o funcionamento do cinismo e do charlatanismo se imbricam. Aqui mostra-se outra formação discursiva. No quadro abaixo, o enunciado identificado por (R8) foi destacado do recorte aqui analisado. Os enunciados identificados por (OP) foram retirados de outros pronunciamentos que, por economia, não foram expostos neste artigo, mas constituem o corpus de pesquisa.

### **Quadro 2 – Formação Discursiva Anti-saúde Pública II**

(R8) *O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz.*

(OP) *Estamos com a consciência tranquila. Não existia naquela época, como não existe ainda, uma vacina. Não existia medicamento, apenas a promessa, num primeiro momento, da hidroxicloroquina, depois outras coisas apareceram.* (Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, Solenidade de Assinatura da Medida Provisória da Vacina contra o Coronavírus (COVID-19), Palácio do Planalto, 06 ago. 2020)

(OP) *Eu sempre ouvia do Mandetta, não tem comprovação científica. Oras bolas, eu sei que não tem.* (Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante o Encontro Brasil Vencendo a Covid-19, Palácio do Planalto, 24. ago. 2020)

(OP) *E eu apostei na hidroxicloroquina.* (Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante abertura do 32º Congresso Nacional da Abrasel, Brasília/DF, 26 ago. 2020)

Fonte: autoria própria

No discurso presidencial, o funcionamento do cinismo se mostra tanto na estrutura sintática, conforme analisei acima, como também no movimento de designação da recomendação do medicamento ineficaz, na medida que vai se atualizando é denominada como “promessa”, no segundo enunciado, e depois como “aposta” no quarto enunciado. Tanto a promessa quanto a aposta jogam com a instância da crença, mesmo que seja sabido que o resultado (cumprir ou não a promessa; ganhar ou não a aposta) possa ser contrário ao esperado. Noutras palavras, o sujeito sabe que a promessa/aposta pode não ser cumprida/ser ganha, mas mesmo assim o faz. Ou melhor, o fez; e o resultado foi o saldo de cerca de 700.000 mortes, entre elas estão muitas que, orientadas pelo discurso presidencial, tomaram medicamentos ineficazes, não utilizaram máscara, não evitaram aglomerações.

## **Considerações finais**

No presente artigo, objetivou-se analisar quatro pronunciamentos presidenciais enunciados em 2020, nos primeiros meses de pandemia no Brasil.

A análise do discurso presidencial, veiculado pela mídia oficial do governo, produzido na pandemia expôs alguns funcionamentos, entre os quais destaco a eufemização da crise global acompanhada da negação da periculosidade do coronavírus; o processo de estabilização via pré-construído da relação saúde/economia em que se desvela a filiação à uma ideologia neoliberal na qual funciona um mecanismo de transferência de responsabilidade do Estado para o cidadão; e a naturalização do cinismo como prática discursiva e política.

Alinhado à leitura das condições sócio-históricas que são engendradas pela pandemia ao funcionamento do discurso presidencial oficial, podemos concluir que a política do trigésimo oitavo governo, já nos primeiros meses de pandemia, faz avançar um projeto político que tem como um de seus instrumentos a omissão do Estado em sua obrigação de garantir o direito à saúde, abandonando a população, sobretudo a população negra e indígena, à doença e à morte. Um projeto que se serve, portanto, da necropolítica, de formas de poder que “subjugam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2018, p. 71).

## Referências

- BALDINI, Lauro José Siqueira; DI NIZO, Patrícia Leal. O cinismo como prática ideológica. In: Estudos da Língua(gem), Vitória da Conquista, v. 13, n. 2, p. 131-158, 2015.
- BARRETO JR., Walter. Bolsonaro e seus seguidores: 1560 frases. São Paulo: Geração Editorial, 2021.
- BERTONI, Estevão; BOLDRIN, Fernanda. Tudo que você precisa saber sobre o relatório da CPI da Covid. [ONLINE]. In: Nexo Jornal, especial, 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2021/10/19/Tudo-o-que-voc%C3%AA-precisasaber-sobre-o-relat%C3%B3rio-da-CPI-da-Covid?posicao-home-direita=2>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- ERNEST, Aracy Graça. Cinismo e ato falho no discurso político-midiático. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 21, n. 2, p. 6-16, jul./dez. 2018.
- INDURSKY, Freda. A fala dos quartéis e outras vozes. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MARCEL, Phellipe; PERINI, Rudá; MEDEIROS, Vanise. Notas sobre o verbete trabalhador essencial: língua, pandemia, luta de classes. In: PETRI, Verli et al. (orgs). Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2ªed. Campinas: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, Michel. O Discurso: estrutura ou acontecimento [1983]. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. [1975] 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- ŽIŽEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ŽIŽEK, Slavoj (org.). Um mapa da ideologia. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.